

Diretores Brasileiros
Nelson Pereira dos Santos

Na sétima edição do programa Diretores Brasileiros, o Centro Cultural Banco do Brasil, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, homenageia Nelson Pereira dos Santos, cineasta precursor do Cinema Novo e responsável pela mudança nos rumos do audiovisual no país. Quadro a quadro, Nelson Pereira dos Santos elaborou uma verdadeira cinebiografia do Brasil, que se iniciou com o longa *Rio, 40 graus*, um dos marcos do cinema nacional, lançado há exatos 50 anos.

A homenagem do CCBB e da UFRJ, abrange uma ampla programação, apresenta e discute a filmografia e a importância da obra do diretor através de diferentes enfoques. O carro-chefe do evento é a mostra retrospectiva que reúne 17, dos 18 longas-metragens do cineasta, documentários, programas para TV e curtas-metragens. Debates; exposição de cartazes de filmes, fotos e reproduções de documentos, além de um encontro entre Nelson Pereira dos Santos e o público para um bate-papo sobre sua obra, completam o evento.

Com Diretores Brasileiros, o Banco do Brasil apóia e celebra a diversidade do cinema nacional, acolhendo cineastas de todas as tendências e estilos com o intuito de difundir a imensa e rica produção do audiovisual em nosso país.

Centro Cultural Banco do Brasil

Revisitar e comemorar a obra de Nelson Pereira dos Santos na sólida companhia do Centro Cultural Banco do Brasil é mais do que gratificante. O imprescindível entrelaçamento entre instituições dedicadas à Educação e Cultura fortalece o território do enriquecimento intelectual e fertiliza as saudosas utopias de renovação da sociedade.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro considera este um momento naturalmente favorável a tal parceria. A 23 de setembro de 2005 completa-se o cinquentenário do filme *Rio, 40 graus*, primeiro longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos, considerado um marco na cinematografia brasileira. Indicador de um novo caminho, comprometido e inovador, inspirador do movimento que será conhecido como Cinema Novo, bem como de uma geração de cineastas latino-americanos, o filme estabelece um questionamento político, social e cultural de contundente atualidade.

A retrospectiva da obra de Nelson Pereira dos Santos propicia uma avaliação – de grande interesse institucional e acadêmico para a UFRJ – desse meio século de história brasileira. O CCBB examina este universo cinematográfico em sua totalidade e a UFRJ o “recorta”, propondo uma imersão em *Rio, 40 graus*. Além da oportunidade “redonda” da data, vale ressaltar a participação indireta da UFRJ, então Universidade do Brasil (UB), em dois episódios da crônica de *Rio, 40 graus*:

- no primeiro, estudantes da Faculdade Nacional de Direito da UB, organizados pelo Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), engajaram-se nas mobilizações pela liberação do filme. Depois de tentativa de exibição da fita, mesmo sob proibição, promoveram o enterro simbólico do chefe de Polícia, coronel Menezes Côrtes, em passeata que percorreu a Praça da República;
- no segundo, o jovem Edson Vitoriano, que interpretou o personagem “Sherife”, foi insultado pelo chefe de Polícia. Ao protestar contra Menezes Côrtes, que o chamou de delinqüente e marginal, Edson revelou à imprensa sua condição de aluno da Escola Nacional de Belas-Artes da UB.

Rio, 40 graus 50 anos complementa *Nelson Pereira dos Santos, Uma Cinebiografia do Brasil*. E porque ver, rever, visitar ou resgatar uma obra também significa mirar no futuro – já que é no futuro que estaremos vivendo do próximo segundo em diante –, a UFRJ espera que essa estreita cooperação com o CCBB frutifique por meio das múltiplas contribuições que ambas as instituições podem oferecer ao esforço permanente de análise crítica de nossa sociedade.

**Nelson Pereira dos Santos,
Uma Cinebiografia do Brasil**

Para sempre investido dos papéis de pai do Cinema Novo e responsável pela maioria do cinema nacional, Nelson Pereira dos Santos completa mais de 50 anos de produção cinematográfica neste ano de 2005, que se faz um ano de comemorações: ao cineasta, que se encontra em plena atividade, realizando seu 19º longa-metragem, e ao cinqüentenário de *Rio, 40 graus*, filme que remodelou o conceito de fazer cinema no Brasil da década de 1950.

O projeto *Nelson Pereira dos Santos, Uma Cinebiografia do Brasil - Rio, 40 graus 50 anos* é uma celebração ao cinema brasileiro e ao diretor que traça, filme a filme, a história do Brasil – retratada em sua obra a partir do sertão e da favela, dos grandes centros e do interior, dos personagens ilustres e dos anônimos.

Com a calma dos sábios, Nelson Pereira dos Santos não pára e, aos 76 anos, continua esboçando e realizando diversos projetos, mantendo um constante diálogo com as referências da cultura popular brasileira. É influência duradoura para sucessivas gerações, com uma valiosa obra. Em parceria, o Centro Cultural Banco do Brasil e Universidade Federal do Rio de Janeiro, homenageiam o cineasta, presenteando o público com uma oportunidade única: a de voltar seu olhar para o universo de Nelson Pereira dos Santos e de seus filmes.

Nelson Pereira dos Santos, Uma Cinebiografia do Brasil - Rio, 40 graus 50 anos, reúne uma variedade de imagens e textos sobre a obra do diretor, depoimentos, trechos de livros, reportagens e artigos publicados, em sua maioria, na época de lançamento dos filmes.

Este livro poderia conter 1.000 páginas, que não comportaria toda a história desse grande mestre, mas buscamos nesta homenagem reunir algumas informações que poderão ser ricas aos futuros pesquisadores, e esperamos que seja.

Dolores Papa / Curadora

Vida	15
Biografia	
<i>Roberto D'Ávila</i>	17
Entrevista com o cineasta	
<i>Gerald O'Grady</i>	25
Cinema	43
Cinema Novo e mais	
<i>Nelson Pereira dos Santos</i>	45
O Cinema à margem do cárcere	
<i>José Carlos Avellar</i>	61
Arte e política no cinema de NPS	
<i>José Mario Ortiz Ramos</i>	69
Neo-realismo, mas não só neo-realismo	
<i>Mariarosaria Fabris</i>	75
Amorosa confraria	
<i>Luiz Carlos Lacerda</i>	85
<i>Rio, 40 graus 50 anos</i>	87
Obra	105
Outros Trabalhos	167
Festivais, mostras e retrospectivas	172

Nelson Pereira dos Santos é um dos mais importantes cineastas brasileiros. Sua história confunde-se com a da trajetória do cinema nacional. Desde seu primeiro filme ele mantém uma consciência política, lutando pela afirmação da identidade cultural brasileira e combatendo a tão arraigada mente colonizada. Considerado um dos pais do Cinema Novo, Nelson, junto com Glauber Rocha (porta-voz do grupo), Walter Lima Jr., Carlos Diegues, Leon Hirszman, Paulo César Saraceni, Ruy Guerra, David Neves, Gustavo Dahl, entre outros, rompeu com a mediocridade das produções em moldes hollywoodianos, realizando filmes que expressavam a realidade brasileira.

Filho de italianos, Nelson nasceu no bairro do Brás, São Paulo, em 22 de outubro de 1928. Caçula da família, freqüentava o cinema desde bebê, o pai alugava um camarote no Cine-Teatro Colombo para as matinês. Eram quarto horas de sessão, durante anos, ao lado dos irmãos Saturnino, Maria Antonieta e José. Seu pai, Antônio, era um alfaiate apaixonado por cinema.

Em 1944, Nelson mudou do Colégio Paulistano para a Escola Estadual Presidente Roosevelt, onde se politizou e aderiu ao Partido Comunista. Jorge Amado fazia a cabeça dos estudantes e teve grande influência na formação de Nelson. Nessa época, ele trabalhava como revisor no *Diário da Noite* antes de ir para o colégio. Ainda estudante, foi preso por pichar muros em prol da campanha pela Constituinte. Mais tarde entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo, que era celeiro de um sem-número de artistas e intelectuais e polarizava a vida política dos estudantes através de seu Centro Acadêmico XI de Agosto. Nelson redigia matérias para o jornalzinho comunista da faculdade e, depois, críticas de cinema para o *Hoje*, diário do partido. Participava ainda do grupo de teatro *Os Artistas Amadores*, trabalhando como uma espécie de "ponto" nos ensaios.

Aos 20 anos, viajou para Europa num cargueiro italiano com os amigos Otávio Araújo e Luís Ventura e foram acolhidos em Paris por Carlos Scliar. Outro que exerce influência nessa época entre os jovens aspirantes a cineastas é o documentarista holandês Joris Ives, que valorizava o conteúdo dos filmes e pregava a transmissão de mensagens de confiança para os homens na luta por uma vida melhor. Nelson absorveu bem essas idéias e incorporou-as em seus filmes mais tarde. No entanto, a notícia inesperada da gravidez de sua namorada Laurita Sant'Anna (antropóloga, falecida em 1999) e o CPOR não concluído mudam os planos de Nelson de ficar uns dois anos em Paris e cursar o IDHEC (*Institut des Hautes Études Ciné-*

matográfiques). De volta ao Brasil, casou-se com Laurita, com quem teve mais dois filhos: Ney (ator) e Márcia (advogada). Casado e com um filho, Nelson foi trabalhar no jornal *O Tempo*, de Hugo Borghi.

O primeiro contato com o fazer cinema deu-se em 1950 com *Juventude*, documentário em 16 mm sobre os jovens de São Paulo, que se destinava ao Festival da Juventude de Berlim. O filme foi realizado em parceria com o amigo Mendel Charatz. No ano seguinte, foi convidado por Rodolfo Nanni para ser assistente de direção em *O saci*. Logo depois partiu para o Rio de Janeiro a convite de Ruy Santos e acabou trabalhando como assistente de direção em *Aguilha no palheiro*, de Alex Viany, renomado crítico de cinema. Por questões de sobrevivência, fez ainda outra assistência em *Balança, mas não cai*, de Paulo Vanderley, e não retornou mais para São Paulo.

Apesar de inúmeras dificuldades financeiras, em 1954 Nelson conseguiu produzir seu primeiro longa-metragem, *Rio, 40 graus*, feito em sistema de cotas. Realizado em condições precárias, precisando pegar a câmera emprestada com o cineasta Humberto Mauro, o filme se tornaria um marco no cinema brasileiro, considerado um precursor do Cinema Novo. Finalizado em 1955, sua exibição foi proibida em todo o território nacional. *Rio, 40 graus*, captava a realidade tal como ela era, sem retoques, e colocava o ser brasileiro na tela. Em 1956 caiu o governo, e o ministro de guerra, Henrique Teixeira Lott, deu o contragolpe, assegurando o direito de Juscelino tomar posse. *Rio, 40 graus* foi então liberado, após ampla mobilização nacional liderada pelo jornalista Pompeu de Sousa, que era chefe de redação do *Diário Carioca*. Selecionado para participar do Festival de *Karlov Vary*, na Tchecoslováquia (atual República Tcheca), o filme deu a Nelson o Prêmio Jovem Talento.





Os filhos, Diogo e Marcia (2002)

O segundo longa-metragem do cineasta, *Rio, Zona Norte*, revela as proximidades de Nelson com o neo-realismo italiano, estrelado por um soberbo Grande Otelo. Em seguida Nelson produz *O grande momento*, para o amigo Roberto Santos, outro grande cineasta de sua geração. Mas as condições financeiras não eram as melhores. Para sobreviver, ele trabalhava como redator no *Diário Carioca* e fazia documentários para Isaac Rozemberg e Jean Manzon.

Em fins de 1959, licenciado do *Jornal do Brasil*, onde trabalhava, Nelson foi para o sertão nordestino com o intuito de rodar *Vidas secas*, adaptação do grande romance de Graciliano Ramos. Mas, devido às chuvas torrenciais, as filmagens foram adiadas. O diretor improvisou então *Mandacaru vermelho*, mas foi um fracasso de bilheteria. A equipe de *Vidas secas* foi incorporada ao elenco do novo filme, inclusive o próprio Nelson, que interpretou o mocinho. Em 1961 montou, por conta própria, *Barravento*, a estréia de Glauber Rocha. Nelson montaria no ano seguinte *Pedreira de São Diogo*, episódio do filmes *Cinco vezes favela*, dirigido por Leon Hirszman.

Em 1962 aceitou o convite de Jece Valadão para realizar, como diretor contratado, *Boca de Ouro*, primeira adaptação de Nelson Rodrigues para as telas e um sucesso de público. Seu filme seguinte, *Vidas secas*, foi um grande êxito de crítica, mas um fracasso junto ao público. Ganhou diversos prêmios e teve uma rica trajetória internacional.

Nelson demitiu-se do *Jornal do Brasil* em 1965 para ser professor de cinema na Universidade de Brasília a convite do amigo Pompeu de Sousa, diretor do Instituto de Comunicação de Massas, em vias de formação, com uma proposta arrojada de ensino para a época. Nelson tornou-se professor de Técnica e Prática Cinematográficas. Rodou com os alunos da universidade o documentário *Fala Brasília*. Com a consolidação da ditadura militar, alguns professores são demitidos e outros pedem demissão por solidariedade, instaurando-se uma crise na UNB. Alunos e professores voltaram para casa.

O diretor roda então *El justicero* (1967), uma comédia escrachada, estreia de Arduino Colassanti, ator que viria a acompanhá-lo em vários de seus filmes subseqüentes. Foi um filme-escola, realizado com seus ex-alunos da UNB. Também em 1967, produz o primeiro longa-metragem de Arnaldo Jabor, *Opinião pública*. No ano seguinte, Nelson parte com a família para Angra dos Reis para filmar *Fome de amor*. O filme, estrelado por Leila Diniz, seria o pontapé para a fase Parati.

Em 1968 propôs ao reitor da Universidade Federal Fluminense, Manuel Barreto Netto, criar um curso de comunicação nos moldes daquele de Brasília. Em maio do mesmo ano, Nelson foi designado responsável pelo setor de arte cinematográfica da UFF. Mais tarde assumiu, por concurso, a cadeira de professor titular de Introdução à Técnica de Comunicação. Ainda em 1968, no ápice da repressão política brasileira, *El justicero* foi apreendido pela Polícia Federal, que se incumbiu de sumir com o negativo do filme.

Numa época de forte censura à criação artística, Nelson tinha em Parati um meio de dar seguimento à sua carreira, realizando filmes que, cada um à sua maneira, tratavam de alfinetar o regime militar. O diretor ainda rodaria três filmes na famosa cidade histórica: *Azyllo muito louco* (adaptação livre do conto *O Alienista*, de Machado de Assis), *Como era gostoso o meu francês* (o tema da antropofagia recebendo tratamento inédito – foi proibido por mostrar índios nus e depois liberado) e *Quem é Beta?* (comédia anárquica e protagonizada por atores franceses). Em seguida, com um clima político um pouco menos hostil, Nelson volta ao Rio e filma *O Amuleto de Ogum* (1975), que juntamente com *Tenda dos Milagres* (1977), aborda sem preconceitos o tema da religiosidade popular. Também produz em 1975 *As aventuras amorosas de um padeiro*, de Waldyr Onofre.



Nelson, então, muda de temática e roda *Estrada da vida* (1979), protagonizado pela dupla sertaneja Milionário e José Rico. Cinco anos depois dirigiu *Memórias do cárcere*, baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos, que relata sua experiência na prisão. É a mais cara produção de Nelson e um de seus filmes mais marcantes; ganhou o prêmio de Melhor Filme do Novo Cinema Latino-Americano de Havana. No ano seguinte rodou *Jubiabá*, que marcou o retorno sublime de Grande Otelo, sob sua direção. O filme, porém, foi pouco visto. Em plena era Collor realizaria *A terceira margem do rio*, lançado só em 1994 e, no ano seguinte, o melodrama *Cinema de lágrimas*, em virtude do centenário do cinema. Mais recentemente Nelson dirigiu a série *Casa grande & senzala* (2000/2001) para a televisão e o curta-metragem *Meu compadre Zé Kéti*. Já há alguns anos, o diretor tenta captar recursos para um antigo e estimado projeto: um filme sobre a vida do poeta Castro Alves.

O trabalho do Nelson é muito reconhecido internacionalmente. Ele recebeu o título de Chevalier da Legião de Honra e Comendador da Ordem Félix Varela, a mais alta condecoração cubana, e o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Paris X-Nanterre para personalidades estrangeiras, entre outros.

* Roberto D'Ávila é jornalista. Dirigiu e apresentou alguns dos principais programas jornalísticos nacionais, como *Conexão Roberto D'Ávila*.

Texto publicado originalmente no livro *Os cineastas, conversas com Roberto D'Ávila*, Editora Bom Texto (2002).

